



Ensino de sociologia: múltiplos olhares de um “campo de pensamento” em construção

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de (Org.). **Ensino de sociologia**: desafios teóricos e pedagógicos para as ciências sociais. Seropédica/Rio de Janeiro: EDUR, 2013.

Valci Melo

Universidade Federal de Alagoas

Desde a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, o ensino de Sociologia vem crescendo como objeto de estudo das pesquisas acadêmicas no âmbito da Educação e das Ciências Sociais.

Com a aprovação da Lei nº 11.684, de 2 de junho de 2008, a qual, após anos de lutas e debates, reintroduziu a Sociologia e a Filosofia como disciplinas obrigatórias na última etapa da Educação Básica, a produção acadêmica acerca do ensino de Sociologia ganhou maior impulso.

Essa produção, por sua vez, é socializada principalmente mediante a publicação de ensaios e artigos científicos em periódicos, anais de eventos acadêmicos e/ou livros em coletânea.

É, pois, este o caso da obra em tela, a qual, sob a organização do professor Luiz Fernandes de Oliveira, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), reúne 11 escritos de 14 pesquisadores de universidades públicas do Nordeste, do Sul e do Sudeste do Brasil.

Mesmo abordando diversos assuntos, os capítulos da coletânea *Ensino de sociologia: desafios teóricos e pedagógicos para as ciências sociais* concentram-se em algumas temáticas recorrentes (mesmo que abordadas a partir de perspectivas diferentes e até inovadoras) quando o assunto envolve o ensino de Sociologia em nível médio.

A primeira dessas temáticas diz respeito aos sujeitos envolvidos diretamente no ensino de sociologia, problemática que se faz presente de modo direto nas reflexões de Amaury Cesar Moraes (USP), Ileizi Luciana Fiorelli Silva (UEL) e Luiza Helena Pereira (UFRGS) quando analisam os desafios ou relatam as



experiências envolvendo a formação de professores, bem como, na análise de Juarez Dayrell (UFMG) acerca das múltiplas representações sociais sobre a juventude e as variadas realidades juvenis.

No primeiro caso, ao discorrer acerca da dicotomia bacharelado versus licenciatura, Moraes critica a ainda vigente e injustificável separação no processo formativo entre formação para a pesquisa e formação para o ensino, insistindo, como em outros escritos seus no qual a problemática também é abordada, na necessidade de estreitamento da relação entre ensino e pesquisa na formação do professor de sociologia. Já Ileizi Silva e Luiza Pereira, por sua vez, relatam experiências exitosas vivenciadas pelas universidades onde atuam, seja a partir do recente Programa de Iniciação à Docência (PIBID), seja mediante a criação de uma disciplina específica na graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) dedicada à reflexão dos desafios teórico-metodológicos alusivos ao ensino de Sociologia em nível médio, cuja existência remonta ao ano de 1997 (mais de uma década antes da obrigatoriedade nacional do ensino da disciplina).

No segundo caso (estudantes), abordando a juventude como “problema sociológico”, Dayrell enfatiza a necessidade de consideração dessa categoria no plural (juventudes) por se tratar tanto de uma camada social apreendida a partir de múltiplas perspectivas (fase de transição, problema social, fase de curtição...), como também inserida em variadas realidades. A consideração de todos esses fatores, no entender do autor, se faz necessária para um ensino de Sociologia que se proponha não, apenas, para a juventude, mas também com os sujeitos jovens.

Outra temática em torno da qual se articulam alguns escritos é o *processo de institucionalização/histórico do ensino de Sociologia no Brasil*. Este, por sua vez, recebe uma interpretação bastante original no escrito de Amurabi Pereira de Oliveira (UFAL), o qual argumenta acerca de uma relação entre a introdução da Sociologia no currículo do ensino secundário nos anos 20/30 do século XX e a necessidade de legitimação do Estado brasileiro enquanto instituição moderna cuja cientificização curricular representava um dos passos nessa direção. Já Antonio de Ponte Jardim (IBGE) e Otair Fernandes de Oliveira (UFRRJ), ao relatarem, na condição de ex-militantes da Associação Profissional dos Sociólogos do Estado do Rio de Janeiro (APSERJ), a luta pela reintrodução da Sociologia no currículo do Ensino Médio, explicitam não apenas as singularidades estaduais, especialmente, do caso estudado (Rio de Janeiro), como



também contribuem com conhecimentos importantes acerca da luta nacional cujo percurso é sintetizado no qualitativo “trajetória conturbada”.

O *currículo*, por sua vez, ganha centralidade nas reflexões de Flávio Marcos Silva Sarandy (UFF) e Tânia Elias Magno da Silva (UFS). No primeiro caso, ao analisar tanto documentos oficiais (Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio – PCN e o que ele denomina Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio – OCN), como livros didáticos utilizados pelos professores de sociologia, o autor observa que, “num olhar de conjunto”, apesar das divergências, não existe uma multiplicidade significativa de concepções e propostas curriculares voltadas ao ensino de Sociologia, mas sim, uma tendência de reprodução da matriz utilizada nos cursos de graduação em Ciências Sociais. Já Tânia Elias Magno da Silva, ao tecer uma crítica ao que denomina “racionalidade destrutiva” em alusão ao padrão de conhecimento e vida social oriundo da modernidade cuja consequência imediata é a dicotomia entre sociedade e natureza e a vivência do utilitarismo e do individualismo como valores sociais, defende que essa “lógica ilógica” seja objeto de reflexão nas aulas de Sociologia.

232 Outro tema aglutinador das reflexões da coletânea diz respeito à *didática*. Este aparece no escrito de Luiz Fernandes de Oliveira (UFRRJ) e Ricardo Cesar Rocha da Costa (IFRJ) que, além de defenderem a necessidade de mais estudos acerca dos aspectos didático-pedagógicos envolvendo o ensino de Sociologia, tecem uma crítica ao modelo “bancário” de planejamento, seleção de conteúdos e avaliação da aprendizagem ainda predominante. Para os autores, o ensino de sociologia deve preocupar-se com o “letramento sociológico” dos estudantes na perspectiva de uma “aprendizagem significativa” e, para tal, precisa levar em consideração as condições do contexto escolar onde ocorre, a situação social e educacional dos estudantes e as especificidades da disciplina (falta de tradição escolar, presença apenas na última etapa da Educação Básica, diferença entre exposição teórica e exposição didática, etc.).

Neste mesmo sentido, segue a argumentação de Adelia Miglievich-Ribeiro (UFRJ) e Lígia Willhelms Eras (UFPR). Isto é, ao buscarem produzir uma Sociologia do Programa Internacional de Avaliação dos Estudantes (PISA), as autoras defendem a necessidade do que denominam “letramento científico” como estratégia didático-pedagógica capaz de tornar a aprendizagem, de fato, significativa. Sem desconhecem os desafios atinentes aos aspectos objetivos que envolvem o trabalho educativo, as autoras alertam para o risco da própria prática



didático-pedagógica constituir-se em “[...] impeditivo para o desenvolvimento de um gosto nos alunos pela descoberta científica e pela construção conhecimentos (sic) diante de desafios práticos” (p. 138).

Já Simone Meucci (UFPR) aborda de modo bastante original uma temática sempre presente nas reflexões acerca da problemática em tela: *livro didático*. Em seu escrito, ao fazer um balanço das obras voltadas ao ensino de Sociologia e inscritas no Plano Nacional do Livro Didático (PNLD), versão 2012, a autora resalta os desafios, a importância e as fragilidades presentes nos mesmos. Isto é, apesar de Meucci reconhecer a dificuldade que envolve o processo de mediação feita pelo livro didático entre a ciência de referência e a disciplina escolar, não economiza críticas ao que denomina “[...] simplificação do complexo mundo social e das idiossincrasias do próprio campo científico” (p. 78) presente nos livros analisados, uma vez que, para a autora, trata-se de um material cuja utilização constitui, para muitos estudantes, o único bem cultural ao seu alcance, e para inúmeros professores, uma espécie de “plano de aula”, “matriz curricular” e/ou “instrumento de formação docente”.

Também perpassa a maioria dos escritos da coletânea, de modo implícito ou explícito, a reflexão acerca da finalidade do ensino de sociologia. Expressa em anseios mais acadêmicos (“imaginação sociológica”, “letramento sociológico”, “letramento científico”, “reflexividade”, “decifração do mundo social”) ou mediante esperanças mais políticas (“formação para o exercício da cidadania”), a questão talvez seja mais diretamente sintetizada por Amaury Moraes no binômio “ciência ou consciência” cujo tratamento se dá mais como esboço de uma problemática do que como posicionamento claro acerca dela – feito que o referido autor desenvolverá em escrito posterior.

Ainda acerca dessa problemática (finalidade), falta à maioria dos escritos uma maior elucidação sobre o lugar social do conhecimento numa sociedade dividida em classes sociais cujo antagonismo de interesses perpassa as mais variadas esferas da vida social, inclusive, a escola enquanto instância formal de inculcação não apenas de conhecimentos e técnicas, mas também de normas e valores. Da forma como a problemática é sutilmente colocada em alguns escritos dá a impressão de que o processo de “estranhamento e desnaturalização” da realidade social se daria como algo situado quase no campo da impossível neutralidade axiológica da prática didático-pedagógica.



Diante do exposto, vê-se que a coletânea em tela cumpre o relevante papel de sistematizar e canalizar alguns dos múltiplos olhares de um “campo de pensamento” em construção que é o ensino de Sociologia na Educação Básica. No entanto, pensamos que a crítica feita por Moraes às pesquisas sobre a temática também se aplica à obra em tela: “[...] faltam [mais] informações sobre os processos internos às salas de aula” (p. 48).

Assim, concluímos defendendo a importância da coletânea em análise para a Educação, para as Ciências Sociais e, mais especificamente, para os debates acerca do ensino de Sociologia no Ensino Médio.

Mestrando Valci Melo

Universidade Federal de Alagoas

Programa de Pós-Graduação em Educação

Centro de Educação

Grupo de Pesquisa | Educação & Ciências Sociais

E-mail | valcimelo@hotmail.com

Recebido 20 jul. 2014

Aceito 18 ago. 2014